

Diversão&Arte

» RICARDO DAEHN

Nas rachaduras do seco sertão estão as pegadas para o texto clássico de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, entranhado no imaginário de cada leitor da obra de 1956. Com um salto de 68 anos, a obra, retrabalhada pela ótica do cineasta Guel Arraes, estoura na telona de 300 salas, com a vertente de embrutecido sertão criminal. A narração de Riobaldo (Caio Blat), tornado professor, na adaptação para cinema, deixa o ambiente das fazendas e latifúndios, e é deslocada para o cenário da periferia. A temática da intolerância, diante de romance proibido, ocupa boa parte da narrativa.

Luisa Arraes e Caio Blat dão vida aos personagens de sentimentos controversos



COM GÊNESE RURAL, A OBRA MÁXIMA DE GUIMARÃES ROSA CHEGA AOS CINEMAS COM CAIO BLAT NO ELENCO. NO PALCO, TOM E A FAZENDA REFORÇA INTOLERÂNCIA INTERIORANA

A rispidez da atualidade vai de encontro à poética roseana. “A violência real vai ser maior do que do cinema. O cinema traz um retrato da tensão real. No Brasil, então, isso é uma verdade absoluta: a violência do dia a dia é uma catástrofe”, observa Guel Arraes, ao falar do novo contexto do filme. Duas coisas, entretanto, neste abraço e fusão de relatos de jagunços, policiais e moradores de comunidade, se mantêm inalteradas: “A proposta do texto e a prosódia de Guimarães — nada disso foi mexido”, reforça o diretor lembrado por sucessos do quilate de *O auto da compadecida* (2000) e *Lis-bela e O prisioneiro* (2003).

“O mundo é nosso, mas é demorado” registra-se, a dada altura do filme, que contraria este ritmo, e vem alucinante. Luisa Arraes dá vida à brava personagem Diadorim, num enredo em que a ação da atualidade engloba tipos, como “o homem feliz” (em meio ao caos) Zé Bebelo (Luiz Miranda); o líder Joca Ramiro (Rodrigo Lombardi), entre os que “possuíam sangue derramável”; o vilanesco Hermógenes (Eduardo Sterblitch); a sofrida Otacília (Mariana Nunes) e Nhorinhá (Luellen de Castro), que ama, em mesma medida, Riobaldo e Diadorim.

Autoridades corruptas, trabalhadores injustiçados, as balas (de revólver) e os bailes (funk) invadem o “redemunho” descrito no clássico livro e que se completa com impactos diabólicos. “Não se mexem nas crenças nessa adaptação (para a tela), e, nem que eu saiba, no

livro. A questão do diabo é um pouco a questão do mal e do bem. É o grande mito que quase todas as religiões têm, não é? Então (a religiosidade) no filme é muito genérica”, pontua o diretor Guel Arraes, também roteirista do longa, ao lado de Jorge Furtado (leia a entrevista).

Lançado às vésperas do também violento *Bandida* — *A número um* (ambientada em favela carioca), *Grande Sertão* poderia endossar um novo movimento do cinema nacional à cata de público? “É muito difícil dizer: são dois filmes diferentes e que tratam do mesmo assunto. O *Bandida*, pelo que vi no trailer, vai na tradição do favela movie brasileiro (como *Cidade de Deus*). O *Grande Sertão* trata dos mesmos assuntos, de um outro jeito, noutro tom, que é épico, teatral, e isso muda tudo. Não dá muito para comparar, um parece quase uma antítese do outro”, analisa Guel Arraes.

Descrito como o “poder da vida”, o amor rende, de modo central no longa *Grande Sertão*. Junto com a selvageria, dá a liga a todo o roteiro contemporâneo. “O conteúdo de Guimarães Rosa, na atualidade, a trama de todo o livro é sobre a guerra, com as questões comportamentais, e isso está tudo no filme, praticamente: assim como é no Guimarães e cabe como uma luva no Brasil atual”, conclui o cineasta.

Três perguntas // Jorge Furtado, roteirista

Qual a principal dificuldade da adaptação?

A dificuldade principal de adaptar Guimarães Rosa para o cinema é que o romance é uma obra-prima, incomparável. Sem dúvida, o maior romance da língua portuguesa, escrito numa prosa poética que é tão marcante que se torna inesquecível para quem para leu o livro. O contato com a prosa do Guimarães, do Riobaldo, o que é dito na boca do Riobaldo, o narrador da história, é transformador. Ninguém é a mesma pessoa depois de ler aquele livro. Então, passar esse livro de 500 páginas para um filme de duas horas de duração é um enorme desafio. Mas acho que ele mereceu ser enfrentado por muitos motivos.

Como nota a possível receptividade ao filme?

(O filme) será o primeiro contato de muita gente, tenho certeza, com esse texto porque o Guel Arraes e eu fizemos o maior esforço para usar sempre que possível o texto do livro.



A trama tem os mitos básicos: a luta do bem contra o mal, o amor trágico dos jovens, a donzela guerreira, os guerreiros em luta — como uma guerra de Troia — todo mundo tem razão, ali, com o seu lado”

Jorge Furtado

Então, só com isso já mereceria ser feito esse filme: só para botar em contato com as pessoas o texto Guimarães Rosa. A história é uma história universal e eterna; o Guimarães finge que faz romance regionalista, isso em 1956, quando o regionalismo já estava saindo de moda... Mas, na verdade, ele faz um livro universal: poderia

ser na Rússia, na África, nos Estados Unidos em qualquer lugar essa história.

O que a trama contempla, nesta escala?

Ela tem os mitos básicos: a luta do bem contra o mal, o amor trágico dos jovens, a donzela guerreira, os guerreiros em luta — como uma guerra de Troia — todo mundo tem razão, ali, com o seu lado. Então, ele faz com um ambiente supostamente regional brasileiro. Guimarães faz uma história que é totalmente universal. O nosso esforço, nossa tentativa, foi a de manter a prosa do Guimarães e trazer essa história para o dia de hoje porque ela é uma história eterna. Foi essa a maior dificuldade, e acho que a gente conseguiu, dentro do possível.

Fotos: Paris Filmes/Divulgação



Cena do filme *Grande Sertão*: a guerra é transplantada para a cidade

TEATRO

OPRESSÃO DA FAZENDA NO PALCO

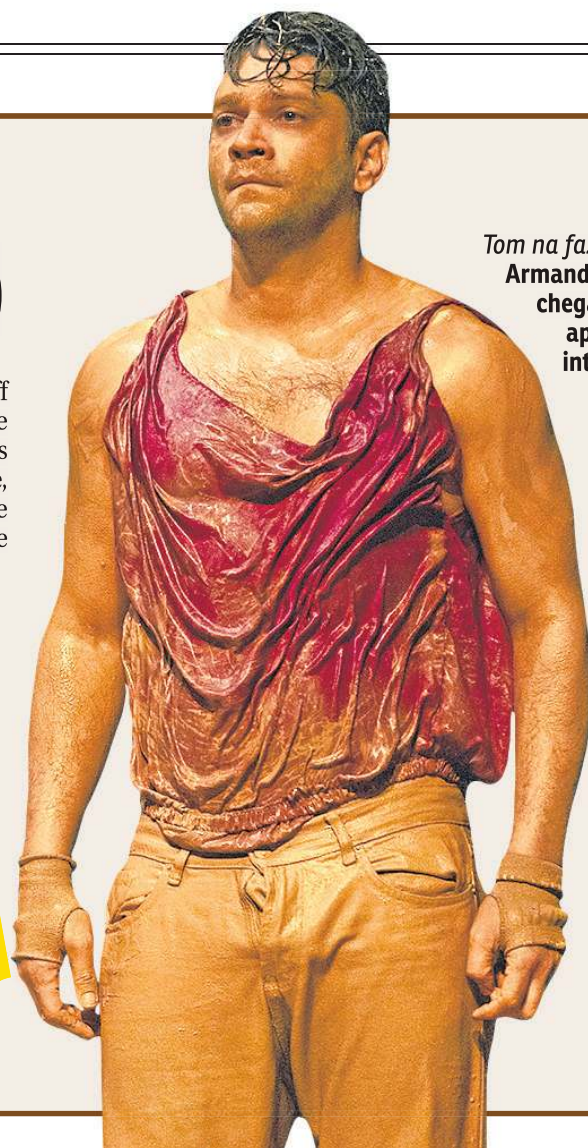
Não existir, ao abdicar de uma história de amor vivida ao lado de um homem, agora morto, vem quase como uma imposição para Tom, protagonista da peça *Tom na fazenda*, vivido por Armando Babaioff, responsável ainda pela idealização da produção da peça (dirigida por Rodrigo Portella) que ainda teve tradução do ator para o texto do canadense Michel Marc Bouchard. “Toda a ação acontece numa fazenda, rígida na disciplina com a terra e os animais. Impiedosa com descuidos. É um cenário ao nosso alcance, nem tão distante, que reproduz práticas de trabalho associadas a um modo de viver que distancia cidade e campo”, conta Babaioff, em exclusiva ao *Correio*. A peça o remodela, como cidadão e artista. Segundo o ator, o texto, alicerce denso para a encenação, e escrito em 2011, tem muita vida. “O texto provoca discussões, cheio de camadas. Fala de conflitos familiares, homofobia, mentiras capazes de

manipular relacionamentos. É atual, urgente, sobretudo no Brasil, o país que mais assassina a população LGBTQIAPN+”, reforça. Num ambiente hostil, a dor do luto (pelo homem que Tom amou) imanta todos os personagens. “Cada um lida de uma forma: a mãe, o irmão e o namorado. Depois, o público constata diferenças, distanciamentos e aproximações”, detecta. Passada a estreia, em 2017, com apenas 47 lugares na plateia, a montagem foi acolhida em lugares intimistas e, em outros, enormes. França, Bélgica e Suíça foram países que receberam turnê da peça por 130 dias na Europa. “As reações são muito similares. O público brasileiro, que se renova, é extremamente atencioso e generoso. Na Europa, tivemos depoimentos emocionantes de pessoas que nos viram mais de uma vez, de famílias que ficaram para um abraço pós-espetáculo, algo incrível”, explica o ator. Cíclica também é a violência referendada por *Tom e a fazenda*,

vencedora de mais de 25 prêmios. Babaioff destaca o vigor dos momentos físicos que surtem fortes efeitos. “Há monólogos lindos dentro dessa peça. Sem cortes, sem close, sem movimento de câmera”, diz, ao tratar de comparação com filme franco-canadense de 2013, outra adaptação. (RD)

TOM NA FAZENDA

Teatro Royal Tulip (SHTN Tr. 01). De hoje a sábado, às 20h, e Domingo, às 19h. Com Armando Babaioff, Camila Nhary, Gustavo Rodrigues e Denise Del Vecchio. Ingressos, de R\$ 80 a R\$ 160. Bilheteria virtual: <https://bileto.sympla.com.br/event/93171/d/251723/s/1717540> 120min, não recomendado para menores de 18 anos.



Tom na fazenda, com Armando Babaioff, chega a Brasília após sucesso internacional

Paris Filmes/Divulgação